



A SALVAÇÃO PELA ESCRITA: ALGUMAS PÁGINAS SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E DO CIDADÃO CRÍTICO

Erica Schlude Wels¹

“Imaginar é subir um tom na realidade.”
Gaston Bachelard

RESUMO: Um tema tão complexo e abrangente como a relação entre leitura e subjetividade, leitura e cidadania, permite uma análise interdisciplinar, na qual várias vozes podem contribuir para elucidar a questão. Nosso ponto de partida foram as leituras de Michele Petit (2009, 2008), a qual discorre sobre a literatura em tempos de crise, apoiando-se em aspectos sociais e políticos, mas lendo-os à luz de temas psicanalíticos, como a própria construção da subjetividade. Inspirada por Paulo Freire (1996), Silvia Castrillón (2011) examina as dificuldades da democratização da leitura e da escrita, tomando-as como direito do cidadão, muito além de modismos e tendências mercadológicas neoliberais. As teses de Nestor Garcia Canclini (2003, 1999) ecoam nas palavras de Castrillón, as quais, alguns anos depois, ainda encontram fortes aliadas nas palavras imortalizadas por Virginia Woolf no ensaio *Um teto todo seu* (1985 [1928]), escrito a partir da opressão das mulheres e seu silêncio. Em apoio a essas ideias, os conceitos freudianos de luto, melancolia e sublimação oferecem possíveis ferramentas de entendimento na construção do sujeito que procura salvar-se da angústia através da literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Subjetividade, Cidadania.

ABSTRACT: Such a complex and wide theme as the relationship between reading and subjectivity, reading and citizenship, allows an interdisciplinary analysis, in which various voices may contribute to elucidate the matter. Our starting point were the readings of Michele Petit (2009, 2008), who argues about literature in periods of crisis relying on social and political aspects, but reading them in the light of psychoanalytical themes, such as the construction of subjectivity itself. Inspired by Paulo Freire (1996), Silvia Castrillón (2011) examines the difficulties of the democratization of reading and writing, assuming them as rights of the citizens, further beyond neoliberal market fads and tendencies. Nestor Garcia Canclini's theses (2003, 1999) echo in Castrillón's words, which, some years ahead, still find strong allies in the immortalized words

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail para contato: schludew@gmail.com.

by Virginia Woolf, in the essay *A room of one's own* (1985 [1928]), about the oppression of the women and their silence. Supporting these ideas, the Freudian concepts of mourning, melancholia and sublimation offer possible tools for the understanding of the construction of the subject who, through literature, seeks to save himself from anguish.

KEYWORDS: Literature, Subjectivity, Citizenship.

Introdução

Para Michele Petit (2009), a ideia de que a leitura pode contribuir para o bem-estar é tão antiga quanto a crença de que pode ser perigosa ou nefasta. Petit privilegia análises de fundo antropológico e social ao falar de contextos adversos como períodos de guerra e de grandes conflitos, lendo-os através de um olhar psicanalítico (2009, 2008). Por extensão, e não de forma oposta ou excludente, Silvia Castrillón (2011) oferece uma leitura igualmente crítica, mas calcada no social e no histórico, em diálogo com Nestor Garcia Canclini (2003, 1999), intelectual igualmente oriundo do mundo latino-americano. Outra voz importante que ecoa do discurso de Castrillón é a do educador Paulo Freire que, em sua *Pedagogia da autonomia* (1996), nos lembra: “Mudar é difícil, mas possível.”

Identidade feminina e escrita

A crença no poder transgressor da literatura (e desejamos incluir aí a leitura e a escrita) e no seu efeito colateral, por assim dizer, a possibilidade de salvação obtida por esse ato, nos remete a uma autora clássica, cuja biografia testemunha a relação íntima com o fazer literário e as dificuldades enfrentadas pela mulher-escritora de seu tempo.

O silêncio é um velho companheiro na história das mulheres, segundo o testemunho de Virginia Woolf em *Um teto todo seu* (1985), no qual ela sustenta a ideia de que qualquer mulher que tivesse demonstrado o talento de Shakespeare no século XVI teria certamente enlouquecido, se matado com um tiro, ou terminado seus dias em profundo isolamento, “meio bruxa, meio feiticeira, temida e ridicularizada” (1985, p. 59). O curioso é que, nessa obra, Woolf transita entre uma leitura mais voltada ao espaço íntimo, sentimental, e como este se embrenha na possibilidade de escrever, fazer versos e produzir literatura confessional, com a mesma desenvoltura com que analisa a produção literária de sua estante; pelo seu texto, passeiam Shakespeare, primeiramente, ao lado dos raros exemplos de Jane Austen, Charlotte e Emily Brontë. Da primeira, pinça o testemunho de que Austen tenha produzido romances como quem poderia ter tecido ou bordado peças de tapeçaria ou de roupa, já que o fazia na sala de estar, em meio ao alarido da vida cotidiana. E isso não é pouco.

A respeito desse espaço subjetivo, da vida doméstica e da escrita, Virginia Woolf afirma:

(...) levar uma vida livre na Londres do século XVI teria significado, para uma mulher que fosse poetisa e dramaturga, um colapso nervoso e um dilema que bem poderiam matá-la. Se sobrevivesse, o que quer que houvesse escrito teria sido distorcido e deformado, fruto de uma imaginação retorcida e mórbida (1985, p. 60).

E, no meio de tantas dificuldades, admite, sem se deter entre este ou aquele sexo, que escrever

uma obra de gênio é quase sempre um feito de prodigiosa dificuldade. Ela não aflora íntegra e completa à mente do escritor:

Em geral, as circunstâncias materiais opõem-se a isso. Os cachorros latem; as pessoas interrompem; o dinheiro tem que ser ganho; a saúde entra em colapso. Além disso, para acentuar todas essas dificuldades e torná-las mais difíceis de suportar, entra a notória indiferença do mundo. Ele não pede que as pessoas escrevam poemas e romances e contos; não precisa deles (1985, p. 71).

Do lado dos homens, segundo a crítica de Woolf, o talento literário era frequente, mesmo em produções de qualidade duvidosa. Em síntese, para que houvesse chance de uma mulher salvar-se pela escrita, necessitaria de se apropriar de seu próprio tempo (incluindo um quarto próprio e sossegado e uma fonte de renda mensal), a fim de desfrutar do gozo e da fruição proporcionados por essa arte.

Esse belo ensaio, baseado em dois artigos lidos perante a “Sociedade das Artes”, em Newnham, Inglaterra, em outubro de 1928, contém o cerne do que a literatura é capaz de proporcionar, pois estimula a “a maior de todas as liberações, que é a liberdade de pensar nas coisas em si (WOOLF, 1985, p. 47). Assim, reafirmamos o porquê de os poderes reparadores da produção literária terem sido notados ao longo dos séculos e alvo de jogos do poder hegemônico.

O texto de Virginia Woolf insiste na dicotomia masculino *versus* feminino, classificando o sexo masculino como opressor em relação às mulheres. Vale ressaltar que tal posicionamento reflete o pensamento da época, em que não se pensava em categorias discursivas além do sexo (biológico), capazes de relativizar a noção de gênero (*constructo* social). Baseando-nos sobretudo em Moita Lopes (2002), acreditamos que as identidades sociais são construídas via discurso e, a partir da contribuição de Bourdieu (1979), consistem na diferença: “(...) e a diferença é afirmada contra aquilo que é mais próximo e que representa a maior ameaça” (MOITA LOPES, 2002, p. 16). À luz dessa noção, destaca-se a natureza socioconstrutivista das identidades sociais, tendo como resultado a armadilha de se pensar (...) a questão de que os seres humanos são compreendidos como se estivessem atuando em um vácuo social em que as marcas sócio-históricas são ignoradas (...)” (BOURDIEU *apud* MOITA LOPES, 2002, p. 18). Ainda segundo Moita Lopes (2002), isso impossibilita a autopercepção dos seres humanos como agentes de transformação do mundo por meio do discurso.

Logo, o diálogo aqui proposto, com o texto de Woolf, é calcado por uma identidade feminina, isto é, um sujeito feminino apresentado na interseção com a história, a política e a sociedade e, portanto, preso ao discurso que produz; dessa forma, vai além da dicotomia homem *versus* mulher apontada pela autora, fruto de seu tempo. Resta a essa identidade feminina construída detalhadamente por Woolf a voz do silêncio, pois à mulher é negada a expressão literária, restando-lhe a manutenção do lar e da família.

Feitos esses parênteses, os quais situam a literatura historicamente marcada pela predominância do masculino sobre o feminino, sexo silenciado e relegado ao lar, lembramos a contribuição da leitura e da literatura, para a reconstrução de uma pessoa após uma desilusão amorosa, um luto, uma doença etc. — toda perda que afeta a representação de si mesmo e do sentido da vida. Na visão de Petit (2009), os rumos de um destino podem ser reorientados por meio de uma intersubjetividade, assim como a simbolização é o cerne da construção ou da reconstrução de si mesmo. Sendo o ser humano um ser que simboliza sua existência, a vida é comparável a uma

trajetória, e, justamente, são numerosos os escritores que a testemunham.

Arte e melancolia

É bastante conhecida a relação entre melancolia (segundo a nomenclatura freudiana) e produção artística. Na obra *Luto e melancolia* (1915, [1917], 1996), Freud analisa a experiência da perda e seu impacto no psiquismo; trata-se da conhecida fórmula, “a sombra do objeto caiu sobre o ego” (FREUD, 1915, [1917], 1996, p. 255). Em outras palavras, enquanto no luto tem-se a experiência da perda real, de um ente querido ou do término de um enlace amoroso, o melancólico vivencia seu estado depressivo com igual ou maior intensidade, e perde-se em queixas, por não saber exatamente o que perdeu. Freud utiliza a metáfora da experiência do melancólico como uma ferida aberta (FREUD, 1915, [1917], 1996, p. 258). Assim, podemos entender o vínculo do artista com a melancolia, como se esta fosse praticamente uma pré-condição para a criação artística. A dor permitiria uma visão mais aguda da realidade, o que seria mais raro em estados de felicidade e euforia.

Ainda que não seja o objetivo deste artigo aprofundar contribuições da psicanálise freudiana, como os conceitos de luto e melancolia, a “sublimação” é outro aspecto que pode contribuir para reflexões posteriores.

A arte, de modo geral, figura como possibilidade de reconstrução, elaboração psíquica, a partir da angústia existencial e do estado de desamparo. Há, no entanto, aqueles que se afogam nessa tentativa. Singh (2005) lembra da conhecida aversão de Platão pelos poetas, o que os leva a serem banidos da República ideal. Há quem desconfie, ou mesmo tenha temor, do efeito dos livros e da arte. Artistas *são* e foram censurados, torturados e exilados. Livros já foram queimados, remetendo à frase do poeta alemão Heinrich Heine, em alusão à queima de livros organizada pelos nazistas em 1933: “Lá onde se queimam livros, um dia também se queimarão pessoas”. Há, portanto, um temor pela faculdade da imaginação, uma vez que esta é multiforme e poderosa. Explica Singh:

(...) Uma quantidade maior de arte todo dia nem sempre significa um bem maior. A música só às vezes aquieta o peito perturbado, e, como já disseram os clínicos, alguns esquizofrênicos pioram quando se tenta curá-los com a arte (2005, p. 16).

Remetemos ainda ao episódio ocorrido entre Jung, o escritor James Joyce e sua filha, Lucia Joyce. Em 1934, Jung iniciou o tratamento de Lucia, que logo foi diagnosticada com esquizofrenia, na clínica suíça de Burghölzli. Em 1930, aos 23 anos, após um relacionamento com Samuel Beckett, ela já apresentara sinais de instabilidade mental, demonstrando profundo sofrimento com o término do romance. Lucia estudara dança na adolescência e chegara a ter aulas com Isadora Duncan. Logo depois do encontro com Jung, em 1935, Lucia é internada numa instituição psiquiátrica, em Ivry-sur-Seine, França. Ela morre aos 75 anos, após sofrer um colapso, no St Andrew’s Hospital, em Northampton, Inglaterra. O escritor James Joyce, orgulhoso do talento artístico que enxerga na filha, a recomenda a Jung: “– Aqui estão os textos que ela escreve, e o que ela escreve é o mesmo que escrevo.” O psicanalista retruca: “– Mas onde você nada, ela se afoga.” Esse episódio resgata a etimologia de sublimação como limite, limiar, pois os esforços sublimatórios lançariam o sujeito ao abismo.

Remetendo a Leonardo da Vinci, cujo psiquismo e articulação entre arte, ciência e homossexualidade foram esmiuçados no belo texto de Freud, *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910), Cruxên salienta outro aspecto do processo sublimatório, igualmente importante:

(...) o longo circuito pulsional implicado na sublimação faz com que o sujeito trabalhe e busque efetivar algo que é ilimitado por natureza. Assim, a possibilidade da sublimação manter uma estabilidade psíquica é sempre tênue, depende do resultado de sua produção do reconhecimento do Outro social, o público. (...) todo o nosso conhecimento provém da sensibilidade e, quanto maior é esta sensibilidade, maior é o martírio (2004, p. 35).

Finalizando, é importante lembrar que Freud considerava a sublimação um elemento necessário ao desenvolvimento da vida adulta, na direção de melhorias para a capacidade de amar e trabalhar, ambas necessárias à vida em sociedade: “De forma ampla, a sublimação evoca a depuração e transformação, ligando-se à fantasia, cujo objetivo é, sobretudo, proteger o sujeito da angústia” (CRUXÊN, 2004, p. 16).

De certa maneira, os caminhos para a cultura são, a um só tempo, repressores e sublimantes, pois oferecem outra perspectiva à pulsão:

[...] Ela pede ao olhar um desvio que vai dos órgãos sexuais ao corpo como um todo.
[...] A pulsão parcial, de espiar, acaba trocando seu objetivo inicial, sexual, por outro considerado mais digno e valorizado socialmente (CRUXÊN, 2004, p. 17).

Portanto, o amor e a apreciação estética são possibilidades de tocar o infinito, na plena finitude do cotidiano. O amor é assim definido pelo escritor alemão Heinrich Böll, agraciado com o Nobel de Literatura em 1972: “(...) um curto intervalo de infinito, cheio de dor e felicidade” (2004, [1992], p. 149).

É ainda outro nome da literatura, a escritora Clarice Lispector, que define, no romance *Perto do coração selvagem* (1998, [1943]), a angústia como própria da vida humana, sujeita ao desamparo. A felicidade existe, mas ela dura no tempo poucos segundos; enquanto isso, vive-se como pode, por entre a sucessão de momentos:

A vida humana é mais complexa: resume-se na busca do prazer, no seu temor, e sobretudo na insatisfação dos intervalos. (...) Toda ânsia é busca de prazer. Todo remorso, piedade, bondade, é o seu temor. Todo o desespero e as buscas de outros caminhos são a insatisfação.

Na obra clássica *Que é a literatura?*, Jean-Paul Sartre retoma a relação entre arte literária e salvação, afirmando que a arte é um tipo de fuga; mas há outras formas possíveis de se fugir: o claustro, a loucura, a morte. Pode-se conquistar um espaço de fuga por meio das armas. Por que escrever? É a pergunta que norteia todo o ensaio sartriano. Uma das respostas possíveis propostas pelo filósofo é de que necessitamos nos sentir essenciais em relação ao mundo:

(...) Este aspecto dos campos ou do mar, este ar de um rosto, por mim desvendados, se os fixo numa tela ou num texto, estreitando as relações, introduzindo ordem onde não havia nenhuma, impondo a unidade de espírito à diversidade da coisa, tendo a consciência de produzi-los, vale dizer, sinto-me essencial em relação à minha criação (1999, p. 34).

Para além do espaço subjetivo

Hoje, é possível dizer que o mundo inteiro é um “espaço em crise”, marcado pela violência, pela exploração, cambaleando entre a pobreza e a opulência. Para os que vivem na América Latina, muitas das “crises” são consequência de uma exploração econômica selvagem, de processos de segregação prolongados, de uma dominação social desigual.

Nesse sentido, Nestor Garcia Canclini reflete sobre a globalização e suas consequências no contexto sul-americano, considerando como guias as categorias da multiculturalidade, da hibridização e do consumo. Na leitura desse teórico, a globalização é um processo de “reordenamento das diferenças e das desigualdades” (1999, p. 11). Como intelectual nascido na Argentina, Canclini dirige seu olhar às grandes cidades e indústrias culturais latino-americanas, *locus* periférico e dependente “dentro de um sistema mundial de intercâmbios desiguais disseminados” (1999, p. 13). Em *Consumidores e cidadãos*, o consumo torna-se a espinha dorsal do funcionamento social. Sob esse prisma, as gerações passam a encarar a construção da diferença através daquilo que se possui ou daquilo que se pode chegar a possuir. Envolve, ainda, uma seleção de bens que une o pragmático ao aprazível (CANCLINI, 1999, p. 45).

Nessa mesma direção caminha a crítica de Silvia Castrillón às políticas públicas de incentivo à leitura e escrita na América Latina, citando Martín-Barbero, que solicita “despertar o que há de cidadão no consumidor” (2011, p. 57). Colombiana, Silvia Castrillón sustenta o quanto a leitura, sozinha, não é boa ou ruim em si mesma, mas sim um direito histórico e cultural, logo, político:

Historicamente, a leitura tem sido um instrumento de poder e de exclusão social: primeiro nas mãos da igreja, que garantia para si, por meio do controle dos textos sagrados, o controle da palavra divina; em seguida, pelos governos aristocráticos e pelos poderes políticos e, atualmente, por interesses econômicos que dela tentam se beneficiar. (2011, p. 16).

Para Castrillón, numa lógica de formação de mercado consumidor, cabe à população de muitos países sul-americanos considerar a leitura um real instrumento para seu benefício, sendo de seu interesse apropriar-se dela. Somente assim, chegaríamos a uma democratização da cultura letrada. A autora olha com desconfiança projetos massificados de estímulo à leitura, pintando-a com cores da diversão fácil e rápida – guerra perdida, já que a leitura não pode competir pura e simplesmente com o mundo do lúdico desprezioso e descartável. Tais políticas estariam inseridas numa ordem neoliberal, que estimula a leitura, pois esta gera consumo do objeto livro e precisa de sujeitos minimamente letrados para tornarem-se mais produtivos, mas sem permitir uma apropriação crítica. Pelo contrário, a apropriação se dá via necessidades de expansão do mercado consumidor e de forma totalmente acrítica, logo alienante.

Muito além dos “espaços em crise” geográficos e históricos, em cada um de nós surgiu/surge, em algum momento, um “espaço em crise” (PETIT, 2009, p. 15). Sabe-se o quanto os seres humanos apresentam uma predisposição originária, antropológica, à crise: nascendo prematuros (desamparados); somos marcados por uma fragilidade cujos vestígios permanecem ao longo da vida. A literatura e a apropriação do saber por ela facilitado configuram-se como saídas que nos são oferecidas para que não sejamos atingidos pelos componentes destrutivos daquilo que devemos enfrentar.

Considerações finais

A fim de discorrermos sobre o fenômeno da salvação pela escrita, é inevitável pensarmos no alcance dessa arte. Histórica, social e politicamente, sempre se observou um acesso minimamente democrático à cultura letrada? É Virginia Woolf quem chama a atenção para a segregação da identidade feminina, subjugada à ótica masculina e permanentemente silenciada. Silvia Castrillón e Nestor Garcia Canclini, ambos teóricos contemporâneos latino-americanos, notam as

contradições de um discurso neoliberal que molda os consumidores e ignora os cidadãos, não possibilitando acesso ao mundo letrado, visto como necessário a uma real democracia; na atualidade, são comuns campanhas publicitárias em prol do maior acesso ao livro e à literatura, estimulando modismos que, na sua efemeridade, dialogam com a lógica do mercado descartável do próprio livro como objeto. Em consonância com esses discursos, as noções psicanalíticas de melancolia e sublimação nos fornecem novas chaves de leitura, inspiradas pelos trabalhos de Petit (2009). O vínculo entre melancolia e produção literária é revelador numa possível definição do que chamamos de salvação pela escrita, proporcionando alívio à descarga pulsional, o que nos remete ao conceito de sublimação. Destino socialmente produtivo da pulsão, a sublimação é elemento polêmico e disperso pela obra freudiana, mas aponta para um aproveitamento desse resto da insatisfação nossa de cada dia. Contudo, enquanto sublimar é acessível para alguns (poetas, artistas, religiosos, comediantes); para outros, dá-se o contrário e a descarga pulsional faz suas vítimas, mergulhando-as num mundo de caos e escuridão, em estreita relação limítrofe com a loucura.

Concluindo, retomamos o ensaio de Virginia Woolf, que traz como ilustração fictícia uma suposta irmã de Shakespeare, cujo destino foi bastante infeliz:

Ela morreu jovem — ai de nós! Não escreveu uma só palavra. Está enterrada onde os ônibus param agora, em frente ao Elephant and Castle. Pois bem, minha crença é de que essa poetisa que nunca escreveu uma palavra e foi enterrada numa encruzilhada ainda vive. Ela vive em vocês e em mim, e em muitas outras mulheres que não estão aqui esta noite, porque estão lavando a louça e pondo os filhos para dormir (1985, p.137).

Para Woolf, os grandes poetas nunca morrem, precisando apenas de uma oportunidade de andar entre nós em carne e osso. A escritora apostava em mais um século, para que as mulheres alcançassem o sonhado quarto próprio, as quinhentas libras anuais e a liberdade aliada à coragem de escrever exatamente o que se pensa. Passado esse tempo, as mulheres gozam de direitos civis que não existiam no início do século XX; porém, a literatura ainda não é acessível a todos, independente de local, nível social, ou identidade. Reconhecido o seu poder transformador (para o bem ou para mal), continua ainda relegada à sombra de uma política hegemônica, que segrega o mais pobre e o insere numa lógica cega de consumo. Sendo assim, a salvação para a escrita perde-se no meio de tantas solicitações; a literatura cumpre o seu papel, enquanto muitas irmãs de Shakespeare seguem sem escrever seus livros, vivendo silenciosamente entre nós.

Referências

- BÖLL, Heinrich. *O anjo silencioso*. Trad. Karola Zimber. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. Trad. Heloísa Pezza Cintrão; Ana Regina Lessa. São Paulo: Ed. da USP, 2003.
- _____. *Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1999.
- CASTRILLÓN, Silvia. *O direito de ler e de escrever*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Ed. Pulo do Gato, 2011.
- CRUXÊN, Orlando. *A sublimação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. (Coleção Psicanálise Passo a Passo, 51).

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia* (1917[1915]). Edição Standard das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. Vol. XIV.
- LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 [1943].
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Trad. Arthur Bueno e Camila Bol-drini. São Paulo: Editora 34, 2009.
- _____. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2008.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* 3. ed. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1999.
- SINGH, Kalu. *Sublimação*. Trad. Carlos Mendes Rosa. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Ediouro; São Paulo: Segmento-Duetto, 2005. (Conceitos da Psicanálise; v. 15).
- WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.